

★ **TEATRO DO OPRIMIDO E UNIVERSIDADE: EXPERENCIAÇÕES PEDAGÓGICO- ARTIVISTA E(M) REDES PARA ESPERANÇAR**

Felipe Santiago Cáceres Moreira

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre

BEZERRA, A. [et al.]. V. 2. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2021.

Conforme o próprio nome revela, trata das ideias, teorias e práticas desenvolvidas pelo teatrólogo Augusto Boal em relação com o contexto acadêmico. Organizado por Antônia Pereira Bezerra, Cachalote Mattos, César Augusto Paro, Helen Sarapeck, Licko Turle e Luzirene do Rego Leite, este livro conta com uma série de dez artigos que trazem à baila diversas temáticas, mantendo contato com o eixo central do Teatro do Oprimido (TO), os quais elaboram reflexões acerca de como a práxis booleana segue atual e atuante sob variados aspectos.

Este volume se realizou no contexto pandêmico da COVID-19, evento que impactou radicalmente o mundo naquilo que se refere aos modos de convivência, ou “não convivência”, já que como medida de contenção da transmissão do vírus, mantivemos isolamento social, especialmente nos anos de 2020 e 2021. Conta com materiais, pensamentos, relatos e experiências ocorridas frente às limitações das relações sociais na modalidade presencial, contendo em sua substância esse viés específico de um momento histórico que afetou as relações de modo intenso, dando enfoque naquilo referente ao Teatro, suas/seus fazedores e o seu ensino.

Nesse ínterim, são levantadas questões sobre a compreensão de ‘relação’, aspecto fundamental

daquilo que, de modo geral, se compreende como teatro, que em essência se dá no contato estreito e imediato daqueles e daquelas que participam de seu acontecimento. Razão pela qual o momento de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, lançou desafios no que toca à teatralidade, pois, relativizadas as noções de espaço, tempo e presença, ocorreu de criar alternativas para dar conta da questão vital que é a arte teatral e sua produção. Isto, porque de acordo com o pensamento de Boal, cada cidadão é artista ainda que não tenha isso como profissão. Para tal, foi preciso agir, investigar, compartilhar, experimentar, reunir, ocupar.

O livro evidencia, sobretudo, a perspectiva do agir diante da realidade que está posta, buscando nela própria, modos outros de existir e estar. Seu conteúdo apresenta justamente demonstrações de ações que foram levadas a efeito, no sentido de buscar formas de criar e manter relações, questioná-las, poetizá-las na medida daquilo que era possível, canalizando ações engajadas no momento histórico e em seus fluxos, no agir em conjunto e em comunhão.

Assim sendo, o livro foi articulado em duas seções, cuja primeira trata das Perspectivas Pedagógicas e Virtualidades, contendo palhaçaria e saúde, questionamentos sobre acessibilidades e aspectos sobre o ensino de teatro. E a segunda denominada Artivismos, Redes e Interseções, traz

pautas raciais e de gênero, regionalidades, cuidado e ética. Dentre os quais muitos deles citam o Grupo de Estudos Virtuais do Teatro do Oprimido (GEVTO)¹, e também as Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU), como centros motrizes desse agir em coletividade, alternativas possíveis, ainda que de forma remota, como espaço de encontro e compartilhamento de ideias e afetos.

O primeiro capítulo de nome *Teatro do oprimido e palhaçaria: estratégias pedagógicas na formação de profissionais de saúde* apresenta perspectivas para uma formação dos/das profissionais de saúde, voltada para as relações que se dão de forma horizontal, levando em conta a humanidade na relação com o paciente e traz a sensibilidade permeada pela palhaçaria como caminho para tal. O capítulo seguinte, cujo nome é *Em busca de outros idiomas, alfabetos e estéticas: análise do Teatro Imagem como possível ferramenta de comunicação na relação entre surdos e ouvintes*, tem como proposta o uso do Teatro do Oprimido (TO) na modalidade do Teatro Imagem, como via estética e ponte que tensiona a imposição de normatividade das pessoas ouvintes em relação às pessoas surdas. O terceiro capítulo *Teatro do oprimido e jogos improvisacionais: aproximações possíveis durante a pandemia* discorre sobre a temática do jogo no contexto educacional. O texto apresenta diversos referenciais teóricos a fim de elucidar sobre como o jogo e o espaço/tempo próprio que ele instaura, tem potencial nas relações de aprendizagem. Como quarto capítulo, intitulado *Ocupando os territórios virtuais: uma experiência de teatro do oprimido na universidade*, levanta discussões sobre o acesso às tecnologias no contexto da escola pública, do educador frente às instituições. Traz também resistência ao simbólico hegemônico tendo o sensível como ação para tal. O capítulo seguinte segue na linha do debate educacional, e tem como título, *Desafios do ensino-aprendizagem do teatro do oprimido em ambiente virtual*, e assim como seu antecessor, trabalha na discussão da ocupação teatral dos ambientes virtuais e traz consigo pers-

pectivas interessantes com relação aos processos avaliativos em educação.

O sexto capítulo de título *O desenho de um teatro pela, sobre e para a pessoa oprimida nas linhas dos livros de Augusto Boal*, inaugura a segunda seção, e elabora de forma generosa reflexões em vista das ideias e técnicas do Teatro do Oprimido explicando sua história, suas etapas, fundamentos, e potencialidades de modo bastante profícuo para quem lê. O sétimo texto apresentado como *Negras transgressões* contém em seu bojo a temática referente aos corpos negros no teatro e seu papel importante na construção de boas referências, representatividades positivas, bem como enfrentamento à necropolítica estatal. O oitavo capítulo *Roque Severino e a estética do oprimido: processo criativo e composição em telepresença no contexto pandêmico amazônico* presenteia o leitor com relato da experiência teatral em modo telemático o qual é permeado por discussões interessantes a respeito de entrecruzamentos da pesquisa, academia e o teatro profissional, a ética dos meios digitais de produção teatral e regionalidades. O nono texto *Cartografia do teatro das oprimidas no cárcere feminino: da árvore ao rizoma* trabalha uma perspectiva imagética da temática do Teatro do Oprimido comparando a árvore elaborada por Augusto Boal ao conceito de Rizoma elaborado por Deleuze e Guatarri, além de acrescentar o viés de gênero ao tratar sobre o encarceramento feminino. Já o décimo capítulo intitulado *Michel Foucault e Augusto Boal, entre poéticas e éticas do cuidado* costura as ideias sobre cuidado na perspectiva ética do pensador francês, como o Teatro do Oprimido. O cuidado como proposta de elevação moral e civilizatória, frente aos aparatos do poder hegemônico que se infiltram e se instalam a fim de individualizar ao invés de coletivizar.

Tendo isso em vista, a pandemia mundial da COVID-19 deslocou a ideia de sociabilidade para outras bases. Verteu a vida de forma radical para as plataformas dos dispositivos eletrônicos e suas ambiências virtuais, abrindo um espectro paralelo de realidade, e concomitantemente novas implicações

de aspectos sociais.

Os modos de se relacionar criados no ciberespaço passaram a demonstrar tensões no seu uso, na medida em que as tecnologias de redes informáticas e suas conectividades se expandiram como modalidade possível, criando sentidos e ritmos diversificados. Surgiram como soluções, aproximaram distâncias, dinamizaram fluxos de informações, aumentaram a circulação de bens e serviços, mas, que, no entanto, podem esfriar a contrapelo as relações humanas em certo grau. Ao passo em que as mediações feitas por mídias digitais, Inteligências artificiais, Chats GPT, dentre outros recursos, vem avançando, por outro lado, talvez na mesma medida, estejamos potencialmente sendo conduzidos a uma certa regressão naquilo que é essencialmente humano no seu modo de se relacionar.

Colocada essa contradição, o conteúdo do livro chama a pensar o Teatro do Oprimido como instrumento de enfrentamento também nesses contextos. Porque se pensarmos os espaços virtuais/telemáticos como alguma espécie de lugar, nele também haverá disputas, relações de poder e opressões, localização e produção de demandas, sendo, portanto, ambiente do qual o TO deve tratar de ocupar.

A obra aqui comentada, ensina que de acordo com o pensamento de Boal, as forças hegemônicas se apropriam do som, da imagem e da palavra para instalar e dar manutenção nos seus processos de opressão. A Estética do Oprimido por sua vez se funda nestes mesmos eixos a fim de opor resistência nesse campo estético/simbólico e propor libertação. Ideia bem colocada, por exemplo, no capítulo denominado *Roque Severino e a estética do oprimido: processo criativo e composição em telepresença no contexto pandêmico amazônico*, apontando que:

(...) som, palavra e imagem não circulam livremente pela sociedade. Elas são canalizadas pelas estações de rádio e tv, pelos livros, revistas e jornais, e também pelas escolas e universidades. Nesse contexto, as palavras, sons e imagens são livres quando o processo

de criação é acessível a todos. Contudo elas são privativas do poder econômico que as fabrica, padroniza, controla e usa. “Que fazer? Quando possível penetrar nesses meios; quando não - isto é, quase nunca - criar nossas próprias redes de comunicação [...] Inventar e produzir fora e longe dos latifúndios da arte, e mesmo invadi-los quando possível” (Boal,2009, p.136). (MARTINS *et al*, p.173).

Ou seja, tomar posição também nesse ambiente, ainda que em decorrência de um evento triste da história é, do mesmo modo, integrar-se nela mesma. É meio de se manter crítico frente ao mundo em que se está, reconhecer contradições e diante disso, traçar caminhos de interferência e inscrição nele.

Resta demonstrado na obra em questão, que o Teatro do Oprimido pode viabilizar tais caminhos ao propor reflexões que busquem a (re)apropriação dos meios de percepção e produção do estético pelas pessoas, para que elas mesmas assumam por seus próprios corpos, a construção da história, se instrumentalizem e se vejam capazes de contribuir na sua reelaboração.

Fica evidente ao longo da leitura, que mesmo por meio de uma presença diferida, há possibilidades de estender atuações e chegar mais adiante, em consonância com aquilo que o TO tem no seu *corpus* quando trata da noção do diálogo e da multiplicação, por exemplo.

Esclarece para a oportunidade de crescer em vários sentidos e vetores, seja na perspectiva de verticalidade conforme a árvore do Teatro do Oprimido nos demonstra, seja se espraiando como rizoma multidirecional, importando mesmo é que a seiva nutritiva da *experienciAção* siga fluindo. Garantir esse fluxo é garantir relações de saúde, sobretudo, em vista daquele momento em que o mundo se via adoecido por uma moléstia devastadora e ameaçado pela desesperança. E para além do sentido próprio e restrito de saúde, criar canais, poetizar e expandir esse sentido de saúde, de cuidado e amorosidade consigo e com os demais, na

tentativa de afastar as moléstias crônicas que nos afetam diariamente frutos das relações de exploração do ser humano.

A leitura oferece o bálsamo da alegria, em oposição à tristeza e apatia que as forças hegemônicas projetam meticulosamente sobre a sociedade através dos meios de que dispõe para a produção do estético/simbólico que lhe convém. Estimula perspectivas daquilo que está em jogo, e fazer dos jogos que compõem o tronco da árvore do oprimido, armas de resistência, ferramentas de tática contra a colonização das ideias, e, portanto, das ações. Jogar com aquilo que está colocado sobre o tabuleiro, sem, contudo, deixar de estar sensível às transformações que ele suscita, pois, é justamente no sentir que reside a força da leitura do estético. Jogar como prazer pela construção coletiva e democrática, como experimentação e catalisador de ações conjuntas, como acontecido que está em constante acontecimento. Abraçar a dialética e seu

inacabamento como mola propulsora do esperar, que como verbo, pressupõe ação necessária para o embate político.

Portanto, o que se pode depreender desse livro é que o Teatro do Oprimido tem operacionalidade no contato com a realidade e as múltiplas realidades, e que a partir dela(s), e através dela(s) segue atual e atuante. Por meio da reunião das pessoas interessadas em compartilhar ideias, tratou de localizar, ocupar espaços e agir sobre ele no sentido de reelaborar as forças e reforça o fazer de modo coletivo tendo o Teatro do Oprimido como ponto convergente.

Seja nos espaços virtualizados, seja em casas de custódia/encarceramento, seja nos bancos da universidade, seja em coletivos teatrais, seja nas pautas identitárias, seja onde for, elevar uma estética produzida pelo povo e para o povo como meios de resistência e avanço na direção de uma vida mais justa e igualitária.

Notas

- 1 O GEVTO é uma versão virtual do GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido, que se reuniu durante a pandemia para estudar/atualizar e pesquisar a partir das três obras literárias de Augusto Boal. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas/ Arco-Íris do desejo / A estética do oprimido.*